



A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE INTERVENÇÃO: A BUSCA DA FORMAÇÃO DO LEITOR

Monalisa Barboza Santos
Universidade Estadual da Paraíba
monalisa.barboza@gmail.com

Magliana Rodrigues da Silva
Universidade Estadual da Paraíba
Maglianarodrigues@hotmail.com

RESUMO: Na busca de uma relação entre teoria e prática, o estágio supervisionado funciona como um avanço do saber “sobre” para um saber “como”, pois, é nessa experiência que o aluno irá conciliar os conteúdos aprendidos nas salas da Universidade para as salas das escolas públicas. O estágio não pode ser considerado só uma disciplina burocrática e obrigatória, mas uma maneira de nos aproximarmos da realidade que iremos atuar. Destarte, é possível enxergar a importância do estágio de intervenção, porque é nesse período em que os estagiários estarão confrontando a realidade escolar, diante de todas as dificuldades impostas na profissão do docente, esse artigo é originário das discussões e reflexões realizadas no componente curricular estágio supervisionado II de intervenção, cujo objetivo é apresentar e refletir, a partir de contribuições teóricas discutidas na fundamentação teórica do estágio – Língua e Literatura. Sobre o ensino de língua materna, um de seus objetivos a formação de um aluno crítico reflexivo, para isso, utiliza a leitura como forma de aproximação desse aluno ao seu papel de cidadão ativo na sociedade. Esse trabalho busca realizar uma reflexão acerca do papel do estágio supervisionado na vida dos discentes – professor-estagiário e aluno da escola pública, além das contribuições da formação do leitor através da aplicação de uma sequência didática, trabalho este realizado na Escola Municipal Lafayette Cavalcante na turma de 8º ano, para isso utilizamos o recorte de algumas aulas para explicitar sobre o objetivo de se trabalhar a partir dos gêneros, buscando estabelecer o contato dos alunos com diversos gêneros textuais e literários, a fim de ampliar o horizonte de expectativa deles, para isso partimos de uma pesquisa bibliográfica, utilizando embasamento nos documentos oficiais e em outros autores como Marcuschi (2008), Martins (2006), Maria (2008), etc. O processo nos levou as conclusões adquiridas nessa experiência, por isso a pesquisa possui um cunho qualitativo.

Palavras-chave: Estágio, formação, leitura, gêneros,

1 INTRODUÇÃO

O estágio na formação dos profissionais da educação é o período de relação entre a



teoria e a prática. Supervisionados por um professor, os graduandos têm a oportunidade de levar o conteúdo aprendido nas salas da universidade para o seu uso real nas salas de aula das escolas públicas. Porém, é muito comum no meio acadêmico ouvirmos declarações em disciplinas teóricas: “na prática é diferente” ou “isso não funciona na prática”, além disso, existem declarações que só se aprende uma profissão atuando diretamente nela.

No estágio o futuro docente volta para a escola com um olhar diferente, não mais como aluno, mas como pesquisador e futuro professor. Assim, será possível a partir dessa experiência refletir de forma clara as propostas dos currículos, o modo de trabalho das escolas, a realidade dos alunos, entre outras questões que contribuirá para a construção de sua prática como docente.

No ensino de Língua materna, um dos papéis fundamentais para o ensino de língua é a capacitação dos alunos para a leitura, como uma forma de se posicionar e argumentar diante da sociedade. A partir da experiência adquirida durante uma aplicação de sequência didática referente à língua e literatura no ensino fundamental II, buscamos discutir a experiência da formação do leitor e como o estágio supervisionado se torna elemento indispensável na iniciação à docência.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois a preocupação maior dessas reflexões é o processo e não os resultados em si, pois, é nessa experiência que o professor-estagiário busca um aperfeiçoamento em sua metodologia. Portanto, partindo desse ponto de vista busca-se uma maior compreensão da profissão docente.

Além disso, partimos de uma pesquisa bibliográfica a fim de construirmos embasamento teórico necessário para a análise das aulas. Por isso além dos documentos oficiais, diversos autores contribuíram com seus posicionamentos como: Marcuschi (2008),



Santos (2006), Martins (2006), Maria (2008) e entre outros, cujas discussões giram em torno sobre a questão do ensino de língua materna, o trabalho com os gêneros literários, a formação do leitor e como é de suma importância trabalhar a diversidade cultural dentro da sala de aula.

A partir desse embasamento, a sequência didática foi voltada para o trabalho com os gêneros textuais e literários com a temática da Pluralidade Cultural presente nos eixos temáticos do ensino. Em relação aos gêneros tivemos o trabalho: artigos de opinião, charges, notícia, reportagem, músicas, piada, poemas, crônica (jornalística e literária), resenha, etc. A sequência didática foi trabalhada com a realização de dez encontros, porém o nosso *corpus* para análise será dois encontros com o subtema Seca, cujo objetivo fora a aproximação do discente a textos literários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca de uma relação entre teoria e prática no ensino de língua portuguesa o professor deve buscar a união entre escola e sociedade. Ou seja, os alunos precisam compreender que a língua funciona dentro de uma sociedade, evoluindo, criando novas possibilidades, ou seja, é preciso observar que a língua não é estática, imóvel ou imutável. Ela sobrevive porque muda; e esta mudança ocorrida na língua exige dos alunos uma compreensão de gêneros, além de conhecimentos linguísticos e contextuais ocorrendo uma articulação entre análise linguística, leitura, escrita e reescrita.

As propostas que observamos nos PCN centram-se na formação de um aluno que participe ativamente na construção do conhecimento. O professor do ensino de Língua Portuguesa não deve somente reproduzir a visão gramatical da linguagem como se vê no ensino tradicional, mas ter como objetivo fazer com que o aluno pense a língua a partir de textos orais ou escritos, “buscando uma interação entre leitura, produção e análise linguística” como afirma Santos (2006, p. 59).



O maior objetivo do ensino de Língua Portuguesa de acordo com os parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental, seja no âmbito dos conteúdos linguísticos ou literários, é fazer com que o aluno desenvolva seu potencial crítico em relação à percepção linguística, observe as diversas possibilidades de uso e interpretação do texto e desenvolva sua capacidade como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura.

É unânime entre os teóricos da linguística aplicada a ideia de que o ensino de língua deve partir do texto. Nos PCN, o texto também é enfatizado, porém “a questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar o texto” como afirma Marcuschi (2008, p. 51).

O texto como base para o ensino abre um leque de possibilidades, porque com ele é possível trabalhar a língua enquanto desenvolvimento, o seu uso real, as variações linguísticas, funcionamento e definição de categorias gramaticais, estruturas sintáticas, leitura e compreensão, argumentação, estudos dos gêneros textuais, enfim. Muitas são as possibilidades de trabalho e de caminhos a serem seguidos e correlacionados. Mas, na realidade escolar há muitos problemas na relação aluno-texto, assim como afirma Marcuschi (2008, p.52):

Um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo tentadas. (...) Mas o problema não reside só nas formas de acesso ao texto e sim nas formas de sua apresentação. Quanto a essa inadequação, sabe-se que os textos escolares, sobretudo nas primeiras séries, padecem de problemas de organização linguística e informacional.

No ensino de língua materna, é possível destacarmos o trabalho com os gêneros textuais e literários, ou seja, a leitura é o ponto de partida da busca por conhecimento. Pois é o ato de ler que move o ensino, favorecendo ou dificultando a relação dos alunos com o texto. A prioridade da escola sempre foi ensinar os seus alunos a ler, porém essa leitura não deve ser



somente por decodificação, de fácil compreensão e objetiva, porque a leitura é muito mais do que isso. São fatores como o incentivo de uma leitura decodificada que está favorecendo a multiplicação de analfabetos funcionais como afirma Maria (2008, p.50-51):

[...] Essas pessoas, afastadas dos processos decisórios, das tomadas de iniciativa, vão se encolhendo nos estreitos limites da sua realidade mais próxima, não sentindo qualquer necessidade da leitura na sua vida diária. São os casos em que o trabalho ou o modo de vida contribuem para “analfabetizar”: pessoas que tiveram a aprendizagem formal da leitura na escola, em alguma época de suas vidas e que, com a passagem do tempo e o completo afastamento da escrita, vão-se tornando analfabetos funcionais.

É justamente esta realidade que vemos hoje em dia nas escolas, analfabetos funcionais, alunos que não conseguem compreender e interpretar textos, não possuindo posicionamento crítico. A leitura e a literatura deve ser um algo a mais, que tira essas pessoas do seu comodismo, fazendo-as pensar e acrescentar em suas vidas, a fim de torná-las uma versão melhorada de si mesmas, tirando o homem de seu comodismo, tornando as pessoas melhores com elas e com os outros, sendo realmente humanas.

A literatura e o texto literário são como afirma Maria (2008, p.51-52): “[...] espaço(s) por excelência da pluralidade de vozes, do diálogo e da reflexão, o que sem dúvida assegura a ele uma posição privilegiada entre os demais, favorecendo o encontro com respostas e questionamentos que dizem respeito ao homem [...]”. Portanto, não restam dúvidas da importância da literatura na sala de aula. A partir dessa postura o professor estará realmente escolarizando a literatura e contribuindo de forma significativa para a formação do leitor literário.

É indispensável o entendimento da importância da literatura na sala de aula, Martins (2006) esclarece que existem duas vertentes sobre a Literatura: “a leitura da literatura e o ensino de literatura”.

A leitura da literatura está para o relacionamento pessoal do leitor com o texto, a

experiência vivida por aquele que lê um texto literário é importante para a sua formação e o ensino de literatura está para o conhecimento da obra em sua estética, tornando o estilo como algo mais sistemático para que se compreenda a organização da obra. Porém na sala de aula esse ensino está sendo afastado do prazer de ler, não havendo uma edificação de sentidos, não considerando a voz dos alunos, nem seus conhecimentos prévios que influenciam na interpretação.

O professor deve compreender os níveis dos seus alunos, diante disso Martins (2006, p.85) defende que “há uma leitura realizada pelo aluno que está construindo sua interpretação a partir, muitas vezes de um único contato com o texto”. Assim ele propõe um ensino de literatura que se relacione com o mundo, com outros tipos de conhecimento, porque é na literatura que podemos encontrar todas as outras disciplinas, pois a literatura possui o caráter de intertextualidade, interdisciplinaridade, intersemiose e transversalidade.

As relações entre teoria e prática marcam de forma significativa a experiência do estágio e como já afirmado é a sua maior problemática, o fato é que essa prática contribui para a formação de melhor qualidade do profissional, neste caso, do professor. Sendo uma janela para o futuro, a intervenção é uma experimentação, que conduz o estagiário de um conhecimento “sobre” para um conhecimento do “como”. Dessa forma, a partir da aplicação de um planejamento anterior, materializado numa sequência didática (SD), é que o professor-estagiário poderá vivenciar um pouco da realidade escolar na sala de aula. Porém, é necessário refletirmos sobre o papel desse planejamento anterior, qual a função da SD para a atuação do docente? Como podemos definir uma SD?

Araújo (2013) em seu artigo, “O que é (e como faz) sequência didática”, discorre sobre esta definição e diz que a SD “é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais” (p.323) e vai além, “não se trata apenas de uma forma de organizar a aula com o ensino de gêneros, mas é, na verdade, a condução metodológica de uma série de fundamentos teóricos sobre o processo de ensino



aprendizagem” (p.324).

Um grupo de Genebra através de pesquisas sobre a aquisição da língua escrita e o trabalho com os gêneros textuais desenvolveram um modelo de SD, que visa à produção escrita final de um gênero textual, seguindo etapas ou módulos. Porém, cada realidade exigirá adaptações em relação à SD. No estágio, temos uma realidade que exige esta adaptação, por isso a SD produzida não tem por objetivo a produção de um gênero, como é proposto pelo o grupo de Genebra, mas busca o contato dos alunos com a leitura através dos mais diversos tipos de gêneros, atendendo as propostas do ensino de língua e literatura, focalizando na formação do leitor.

A SD aplicada se constitui a partir de eixo temático: “Pluralidade Cultural”. Subdividida em cinco subtemas: Xenofobia; Variedade linguística (as diversas vozes do Brasil); Brasil, seu povo e seus desafios; Seca; e o Sertanejo. Os PCN tratam dessa temática e esclarece do que se trata esse eixo:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e a valorização de características éticas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal. (BRASIL, 1997, p. 121).

As discussões voltadas ao quarto subtema denominado “Seca”, vista a partir de obras literárias como “o quinze”, de Rachel de Queiroz e “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, a fim de retratar essa triste realidade que assolou fortemente outrora e trazer uma reflexão sobre até que ponto a seca pode interferir na vida do homem. Buscamos realizar o que afirma Martins (2006), um realidade próxima da vivência dos alunos, por isso os temas propostos na SD atendem ao método recepional, que busca partir de um horizonte de expectativas ampliando-o.

Após a apresentação e discussão do elemento motivador, elemento esse que visa chamar a atenção dos alunos para aquilo que será trabalhado na aula. A seca foi trabalhada através dos gêneros romance – com o Quinze, de Rachel de Queiroz e poema dramático – Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.

O romance é uma forma literária, que narra uma história, transpondo a experiência humana para a ficção, e por ser uma narrativa longa e dividida em capítulos, por isso optamos pela escolha de um capítulo para realizarmos a leitura como estratégia de despertar o interesse dos alunos para a conclusão da leitura da obra na íntegra. Essa discussão gira em torno do ensino de literatura fragmentado, pois podemos observar que muitos autores e nas universidades há uma discussão em relação ao trabalho com capítulos de livro na sala de aula.

Quando estávamos preparando a SD, uma das nossas preocupações era em relação a levar somente um capítulo do livro, ou seja, já que o professor de literatura não deve trabalhar de forma fragmentada, nós nos questionávamos se não era isso que estávamos fazendo, porém compreendemos que a realidade exige adaptações.

Assim, sabemos que o professor permanente de uma turma deve adotar uma postura diferente em relação a este trabalho, pois o nosso objetivo aqui era apontar um caminho, em que o aluno poderia seguir e mergulhar na escrita de Rachel de Queiroz. Ao passo que fazíamos a leitura com os alunos, paramos em alguns momentos-chaves para discutir o que se passava, até como uma forma de prender a atenção dos alunos na leitura, gerando um suspense em relação ao que aconteceria em seguida, vimos que os alunos voltaram todas as suas atenções para a história. A postura adotada levou os alunos a questionarem aquela realidade, o objetivo dessa leitura era o estabelecimento de uma relação pessoal entre leitor e o texto.

Em um segundo momento, exibimos um trecho do poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto em desenho animado. Paramos a exibição até o momento em que Severino se dirige a mulher da janela, tivemos a preocupação de não só exibir o desenho,



mas levar os alunos a terem um contato com o texto em si, por isso trouxemos esse trecho em que ocorre um diálogo entre Severino e uma mulher, sobre as possibilidades de trabalho naquele ambiente hostil da seca. Fizemos a leitura de modo dinâmico, assumindo os papéis das personagens presentes no ato, em seguida partimos para o trabalho com o gênero esclarecendo a função do gênero poema dramático, cuja intenção principal é divertir, emocionar e fazer refletir a plateia, já que ele envolve o público do teatro, outro fato importante é que o poema é dividido em cenas e a história é contada por meio de diálogos e estruturada em versos, diante disso voltamos para o poema e apontamos questões como os versos, rimas, repetições de palavras e versos como uma espécie de refrão. Nessa e em outros momentos compreendemos a falta que há de uma relação mais próxima dos alunos com a leitura e com diversos gêneros, ou seja, podemos observar que proporcionamos aos alunos um primeiro contato com a literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estágio supervisionado de intervenção, nós, professores-estagiários tivemos a oportunidade de enfrentar os desafios da sala de aula, pois todas as teorias vistas na Universidade a respeito das aulas de português e o ensino de língua e literatura, que foram confrontadas com uma determinada realidade escolar. Foi possível através dessa experiência, voltarmos à escola com uma ótica diferenciada, como professores de uma turma, desenvolvendo o nosso potencial crítico, fundamentada nas discussões e na experiência do estágio supervisionado I de vivência.

Em relação ao conteúdo, a proposta de trabalho com a SD, o uso de estratégias como o elemento motivador, partindo de uma perspectiva recepcional, consideramos que o trabalho planejado é indispensável para a vida do professor, pois é através do planejamento e de sua execução é que ele poderá avaliar e adaptar o ensino a realidade de seus alunos, buscando



sanar as suas maiores dificuldades. O estágio não é só algo novo para os alunos da Universidade, mas também para os alunos da escola pública, pois, ao propormos um ensino diferenciado estamos possibilitando novas experiências para ele e abrindo novos caminhos nunca antes trilhados.

Como professores-estagiários dessa turma, buscamos contribuir no que se diz respeito a leitura, trazendo uma diversidade de gêneros textuais que visam a formação de um leitor crítico e reflexivo, como defende a teoria bakhtiniana. O método que utilizamos foi estranhado pelos alunos, isso porque, nas escolas, não estão trabalhando da forma como os documentos oficiais direcionam. É notável que os alunos não estejam habituados a uma aula dialogada, momento em que eles devem se posicionar e debater acerca de um tema, a oralidade e a leitura como processo está sendo excluída das salas de aula. Encontramos barreiras que precisam ser quebradas no ensino de língua materna, pois ainda existe uma predominância de um ensino de língua portuguesa tradicional e na maioria das vezes mal trabalhado, pois o ensino é descontextualizado.

Diante do exposto, avaliamos a oportunidade do estágio supervisionado de intervenção indispensável, pois, muitos dos alunos universitários nunca tiveram uma experiência com o ensino. E é no estágio que ocorre esse primeiro contato com a realidade escolar, aliando a teoria à prática. Porém, não é só isso, com a supervisão do professor somos levados a produzir e olhar criticamente para o que foi produzido, elaborar um material e aprender com os erros cometidos, assim estamos desenvolvendo não só nos alunos do ensino fundamental um potencial crítico-reflexivo, mas em nossas experiências, pois podemos avaliar nossas ações. Contudo, esse período é muito curto para que possamos ter uma experiência aprofundada sobre o ensino, por isso, o graduando deve buscar refletir além do que o estágio oferece, ampliando seu horizonte de expectativas.

4 REFERÊNCIAS



ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática?. **Entre palavras**. Fortaleza, v.3, n.1, p. 322-334, jan./jul. 2013

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade Cultural**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIA, Luzia de. A leitura: uma concepção política. In: **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores**. 2. ed. Petrópolis: 2008, p. 50-64.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais o desafio do professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 83-102.

SANTOS. Leonor Werneck dos. Práticas de linguagem e PCN: o ensino de língua portuguesa. In: PAULIUKONIS. Maria Aparecida Lino. SANTOS. Leonor Werneck dos. **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. P. 59-69.

WITTKE, Cleide Inês; BALDO, Alessandra. Efeito discursivo do gênero textual no ensino de língua. **Anais do SITED**, Porto Alegre, p. 102-108, set. 2010.